

ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS INTERFACES

o lugar do sujeito na trama do discurso

Maria Cristina Leandro Ferreira *

RESUMO: Cet article examine l'imbrication des trois principaux domaines – linguistique, matérialisme historique et psychanalyse – à l'origine de l'analyse du discours, conçue par Michel Pêcheux. Partant de cette rencontre si insolite, un regard particulier sera posé sur la notion de sujet en tant que point nodal formé par trois anneaux, symbole d'une triple alliance. Ainsi, le sujet serait simultanément affecté par ces trois ordres et laisse un trou dans chacun d'eux, ce qui est propre à la structure d'un être-en-manque. Le sujet constitué par le langage se manifeste comme effet de langage; interpellé par l'idéologie comme sujet, il apparaît assujéti; traversé par une théorie non subjective de la subjectivité, il est alors désirant. Quant à la langue, elle sera considérée comme une structure symbolique comportant en soi un trou constitutif, d'où jaillit la possibilité de l'équivoque et des glissements de sens.

PALAVRAS-CHAVE: *sujeito, inconsciente, ideologia, real, discurso*

SITUANDO O PROBLEMA

Quando falamos em análise do discurso, precisamos sempre demarcar nosso campo, na tentativa de singularizá-lo no cotejo com outras análises de discurso que circulam com bastante prestígio nos meios acadêmicos nacionais e internacionais. O presente artigo pretende discutir o imbricamento das três principais áreas – *lingüística, materialismo histórico e psicanálise* – de onde emerge a análise de discurso, concebida por Michel Pêcheux. Esta investigação resulta de um percurso que venho trilhando nos últimos tempos e que se destina a investigar os elos que compõem a trama do tecido teórico de que me ocupo, que é o discurso. O discurso foi sempre para Pêcheux o objeto de uma busca infinita que, sem cessar, como lembra Denise Maldidier, “lhe escapa”. É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito. E é também onde se cruzam as reflexões de Pêcheux sobre a história das ciências, sobre a história dos homens, sua paixão pelas máquinas, entre outras tantas. O discurso constitui-se, assim, no verdadeiro ponto de partida de uma “aventura teórica”.

Michel Pêcheux, como se sabe, dá início à Análise do Discurso, na França, como seu principal articulador, em fins da década de 60, época que coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação do mundo, das idéias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade, no caso, francesa. No centro desse novo paradigma, situa-se o estruturalismo lingüístico a servir como norte e inspiração. Afinal, a Lingüística em seu papel de ciência-piloto das ciências humanas tinha condições de fornecer aos aficcionados da nova corrente as ferramentas essenciais para análise da língua, enquanto

*Professora do Instituto de Letras da UFRGS.

estrutura formal, submetida ao rigor do método e aos ditames da ciência, tão valorizada na época.

E todos nós que nos interessamos pelas questões discursivas e que, por alguma razão, somos tocados por elas, somos instigados a nos aventurar por esse caminho, nunca plano, nem acabado, mas, ao contrário, sempre tortuoso e deslizando, um verdadeiro “processo sem início nem fim” (parafrazeando Althusser). E esta busca tem me levado a uma interlocução mais direta e estreita com a psicanálise, por conta da concepção de **sujeito**, noção que é central em ambos os campos teóricos e que apresenta particularidades e afinidades mútuas instigantes.

UM BREVE PERCURSO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Ao longo do percurso triunfal dos estruturalistas, que marcou de forma indelével os anos 50 e 60, houve sempre uma constante: a deliberada *exclusão do sujeito*. Esse foi o preço a pagar pelos defensores do paradigma estrutural para a ruptura com a fenomenologia, o psicologismo ou a hermenêutica. Importava normalizar o sujeito, já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada. Esse era o panorama existente na França até 1967, época em que o estruturalismo viveu seu apogeu, ainda que já desse mostras de certas fissuras internas. O movimento de maio de 68 e as novas interrogações que surgiram de súbito no âmbito das ciências humanas foram decisivos para subverter o paradigma então reinante, trazendo como consequência o sujeito para o centro do novo cenário, permitindo-lhe, como afirma François Dosse (1993, p.65), em sua “História do Estruturalismo”, “reaparecer pela janela, após ter sido expulso pela porta”.

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visava combater o excessivo formalismo lingüístico então vigente. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD buscava desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a lingüística. A rigor, o que a AD fez de mais corrosivo foi abrir um campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época.

A AD, sempre é bom frisar, soube dar um caráter revolucionário ao modo como abordou o papel da linguagem; bem distante do aspecto meramente formal e categorizador a ela atribuído por uma visão estruturalista mais redutora em sua origem. A linguagem pela ótica discursiva ganha um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido e vai distinguir-se também da condição que lhe confere a psicanálise.

A AD caracteriza-se, como se vê, desde o seu início, por um viés de *ruptura* a toda uma conjuntura política e epistemológica e pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, especialmente a lingüística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Fica claro, desse modo, que a AD não se vê como uma disciplina autônoma, nem tampouco como disciplina auxiliar. O que ela visa é tematizar o objeto discursivo como sendo um objeto-fronteira, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade lingüística e de uma materialidade histórica, simultaneamente. A AD recorta, portanto, seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da lingüística imanente, que se centra na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências humanas, que usam a língua como instrumento para a explicação de textos.

Nem por isso, parece apropriado atribuir à Análise do Discurso uma designação de disciplina interdisciplinar, como alguns teóricos insistem em fazer. Fazer isso seria cair na

tentação de encará-la como disciplina de caráter meramente instrumental, sem especificidade própria. E isso definitivamente ela não é. Além do mais, essa é uma ótica reducionista, que elide sua principal característica de ser uma teoria crítica da linguagem.

Orlandi (1996, p.24), a esse respeito, imputa à AD a condição de *disciplina de entremeio*, uma vez que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela opera um profundo deslocamento de terreno: “a AD produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade. Não é mera aplicação da lingüística sobre as ciências sociais e vice-versa”.

Nesse sentido, é importante reiterar que os conceitos que a AD traz de outras áreas de saber, como a psicanálise, o marxismo, a lingüística e o materialismo histórico, ao se integrarem ao corpo teórico do discurso, deixam de ser aquelas noções com os sentidos estritos originais e se ajustam à especificidade e à ordem própria da rede discursiva.

O quadro teórico-epistemológico da AD, como se vê, é complexo e mantém uma relação tensa entre as noções que o integram. A cada atividade de análise se põe em questão a natureza de certos conceitos e se redefinem seus limites. Isto não impede que a Análise de Discurso se singularize enquanto forma de conhecimento sobre a linguagem e se distinga das demais áreas por seu aparato teórico, seu método de análise e sua práxis. Sendo assim, ela vai construir seu objeto teórico e estabelecer seus procedimentos analíticos na interface com as demais áreas vizinhas.

O traço relevante que nos interessa ressaltar vai além da discussão teórica de certas noções por áreas vizinhas. O mais importante, nos parece, é apontar para o papel estratégico decisivo das interfaces no estabelecimento das fronteiras, limites e contornos próprios às áreas de saber afetadas pelo tecido discursivo. A Análise do Discurso (AD), lugar de nosso observatório, vai nos oferecer um dispositivo teórico e de análise que permitirá tornar visíveis as afinidades e/ou diferenças na interlocução com outros saberes. Para isso, as fronteiras serão trabalhadas como limites e não como limitações.

A QUESTÃO DAS INTERFACES DA ANÁLISE DO DISCURSO

A interface com a Lingüística foi sempre a mais desenvolvida; e isso não chega a surpreender, se considerarmos a conjuntura da época e o papel desempenhado pela assim chamada *ciência-piloto* entre as ciências humanas. Pêcheux foi sempre, em todos os estágios da teoria do discurso, um fiel tributário da lingüística saussuriana e de seus postulados básicos, como o conceito de signo e de valor, a idéia de sistematicidade do sistema e a noção de funcionamento da língua. Mas Pêcheux foi também um leal oponente a essa teoria lingüística, distanciando-se dela para fazer intervir o conceito de discurso. Para isso foi preciso romper com o corte saussuriano de *língua/fala* e mudar a relação entre os termos do novo par *língua/discurso* de oposição a *contradição*.

Evidentemente que esse deslocamento traz profundas implicações na concepção de língua para a AD, que não mais é a mesma língua da lingüística. A língua da AD admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma noção de estrutura fechada e homogênea e incorpora o termo “real da língua”, trazido por Milner da psicanálise, para expressar essa incompletude, esse não-todo que é próprio da língua e a constitui.

A interface com o *materialismo histórico* também tem lá sua trajetória consolidada, já que a noção de história é daquelas noções fundadoras que constituem o território discursivo. Afinal, a história intervém na língua e no processo de constituição dos sentidos. Nessa perspectiva, a exterioridade não tem a objetividade empírica daquilo que está fora da linguagem, já que ela é constitutiva do próprio trabalho dos sentidos atuando em determinados textos, enquanto discursos.

A mediação entre linguagem e ideologia, eixo básico da AD, se dá sob a perspectiva do materialismo histórico, que tem em Althusser seu principal inspirador. Vem daí também a influência da concepção de sujeito, que vai ganhar sua feição primordial, enquanto sujeito interpelado, assujeitado ideologicamente e produto de determinações, por influência direta do materialismo histórico. É decisivo, portanto, o papel dessa interface na articulação do discurso com certos conceitos-chave. Pêcheux, na verdade, em que pese a explícita abertura para outras áreas das ciências humanas, nunca perdeu de vista a inscrição materialista dos conceitos que lhe interessavam e que se sobrepunha a qualquer outra. O papel central da ideologia, sob a releitura althusseriana, e o apego à noção de “interpelação” atestam essa primazia.

Mas há ainda a outra interface que nos interessa sobretudo e para a qual pretendemos lançar um olhar mais aguçado, pois talvez seja ela a que causa mais estranhamentos e perturbações para a análise do discurso. Refiro-me à *psicanálise*. Pêcheux não fugiu do enfrentamento e nós queremos ver isso mais de perto, sem que nos guie nenhuma *boa-intenção-terapêutica*.

O interesse que nos move é perceber a linha divisória entre esses dois terrenos que, cada vez, despertam mais atenção entre os especialistas. Contudo, não podemos cair na ilusão de pretender traçar contornos nítidos e definitivos entre os conceitos que aí circulam. Há, entre esses terrenos, inevitavelmente, uma zona de tensão que vai estar sempre presente e que traz seguidamente desconforto. Querer fugir disso é ceder à tentação dos universos logicamente estabilizados, o que definitivamente não é o caso da Análise do Discurso.

O SUJEITO COMO LUGAR DE INTERFACE: ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE

Para começo de conversa é bom antecipar que não dá para entrar nessa ‘*morada do sujeito*’, sem ser pela porta da linguagem, que ocupa o principal cômodo nos domínios da psicanálise e desfruta também de um lugar nobre no território do discurso. Afinal, a suposição inicial em ambos os campos é a de que o sujeito não está dado, nem tampouco nasce ou se desenvolve, mas é construído. E para explicar o modo pelo qual o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, isto é, o campo da linguagem.

Para tratar do *sujeito*, é preciso puxar também os fios da *linguagem* e da *ideologia*, que se encontram imbricados na mesma urdidura. Esse ponto de entrelaçamento que forma nós comuns que se sustentam uns aos outros marca o terreno próprio da análise de discurso nos moldes em que foi concebida por filósofos, psicanalistas e lingüistas. Talvez seja justamente essa mistura tão instigante que distinga essa abordagem discursiva das demais correntes lingüísticas, quer textuais ou, até mesmo, as que também se denominam discursivas.

Convencionou-se chamar a essa abordagem de *escola francesa de análise de discurso*, a qual tem em Michel Pêcheux seu principal formulador. Tal denominação gerou, com razão, controvérsias das quais, contudo, não vamos nos ocupar aqui. Prefiro deixar de lado “a escola” e ficar tão somente com a expressão *análise de discurso francesa na linhagem pêcheutiana e análise do discurso no Brasil*, que segue essa mesma visada. É preciso destacar, nesse sentido, o aporte da reflexão própria e diferenciada produzida por analistas de discurso brasileiros, os quais sem apagar a filiação a Pêcheux, vem conseguindo trazer para a área as especificidades requeridas por novas materialidades discursivas que se impõem como objetos de análise.

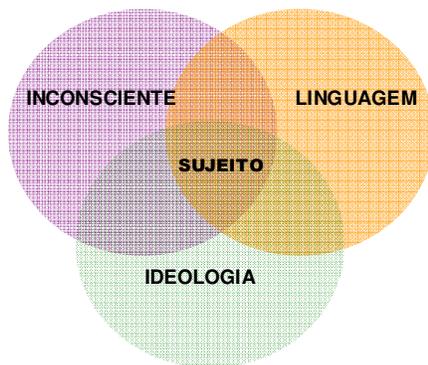
Já o ponto de diferenciação ocorre com o conceito de *ideologia*, que chega pelo viés do materialismo histórico, nos moldes althusserianos, e recebe um lugar de destaque na área do discurso, sendo considerado indissociável do sujeito em um processo de

constituição mútua. Nas hostes psicanalíticas, enquanto isso, a ideologia não encontra a mesma acolhida, já que a psicanálise não costuma operar com essa noção, ainda que seja possível admitir uma passagem entre o inconsciente e a ideologia¹.

Essa questão da suposta passagem entre *ideologia e inconsciente* é ainda um tema não suficientemente enfrentado e investigado pelos pesquisadores, tais as peculiaridades e complexidades que cada noção apresenta. Há alguns poucos estudos sobre isso nas ciências humanas, especialmente na sociologia, mas pouco dentro da análise do discurso e, menos ainda, na psicanálise.

A psicanálise parte de dois conceitos fundamentais – *inconsciente e pulsão* – que caracterizam a poderosa singularidade de suas descobertas, ao tratar da emergência do sujeito. Lacan vai deter-se, particularmente, no inconsciente, chegando a constituir um novo nome ao inconsciente freudiano, que tem a ver precisamente com a tríade *real – simbólico – imaginário*, três registros distintos e essenciais da realidade humana, aqui já apresentada.

Devido a essa configuração tão particular do lugar do sujeito, ocorreu-me representá-lo na teoria do discurso como uma figura topológica – o *nó borromeano*.



Esta figura, introduzida na psicanálise, por Lacan, é formada por três anéis, simbolizando uma tríplice aliança. Retirando-se um desses anéis os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação constitutiva. O que os sustenta, então, precisamente, é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente. Aqui o nó borromeano simbolizaria o lugar do sujeito no entremeio das três noções de *linguagem – ideologia – inconsciente*.

O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas *um furo*, como é próprio da estrutura de um *ser-em-falta*: o *furo* da *linguagem*, representado pelo *equivoco*; o *furo* da *ideologia*, expresso pela *contradição*, e o *furo* do *inconsciente*, trabalhado na psicanálise. Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. É precisamente essa *falta* que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da análise do discurso.

O que intriga nessa questão da falta enquanto região intersticial comum à Análise do Discurso e à Psicanálise é o paradoxo que aí se manifesta, já que a falta é algo que nos completa pela ausência – é “a presença na ausência”, a que faz referência Lacan. Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso

¹ Paulo Silveira (1994), em “Ideologia, indivíduo, sujeito”, ao examinar algumas teses althusserianas sobre a ideologia, mostra como uma delas (a de que a ‘ideologia não tem história’) se ancora na formulação de Freud de que ‘o inconsciente é eterno’. “Insisto ainda (diz Silveira): não é apenas atribuir à ideologia um caráter inconsciente (...), mas considerar a *forma* da ideologia como a *própria forma do inconsciente*” (p.26).

fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira – o não-todo no todo, o não-representável no representado.

Trazer, então, a psicanálise para o campo epistemológico da análise do discurso, significa deixar entrar com força outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, assujeitado, submetido tanto ao seu próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o moldam.² É nesse ponto que se atravessa a psicanálise, com sua concepção revolucionária de sujeito do inconsciente, que representa uma ‘ferida narcísica’ insuportável para o amor-próprio da humanidade.

A categoria de sujeito procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso.

Outra marca fundante do sujeito que vem da psicanálise e é incorporada pela análise do discurso é sua *natureza intervalar*. *O sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante*, o significante é, então, binário, ‘lugar de escansão entre dois significantes’. Como diz Marco Antônio Coutinho Jorge (2000, p.99), “o sujeito é esse *entre significantes*”. É ele que liga os significantes uns aos outros.

Assim como Pêcheux se angustiava em seu tempo com o sujeito centrado e hegemônico que reinava absoluto nos estudos dos pesquisadores sociais da época, também nós nos questionamos hoje sobre as inúmeras formas de manifestação de singularidades subjetivas, transgressoras e renovadoras de sentidos que desafiam toda interpretação que atribua ao sujeito uma condição de efeito exclusivo de determinações de diferentes ordens.

As discussões em torno da natureza da liberdade e da possibilidade de produção de novas significações acompanham o pensamento humano, desde o nascimento da filosofia até nossos dias, passando por um longo processo de segmentação das áreas de conhecimento. Contemporaneamente, na tradição francesa, esta questão se renova, tanto no campo da psicanálise lacaniana, quanto no campo da análise de discurso, onde a noção de Grande Outro (Lacan) concorre com o conceito de Sujeito da Ideologia (Althusser) para denunciar o caráter ilusório de qualquer pretensão de autonomia das consciências.

Um trabalho que tematiza o sujeito como objeto central de análise não poderia ser efetivado sem considerar esse lugar nodal que a noção ocupa em diferentes domínios das áreas de saber. Isso determina, por si só, que outros campos teóricos sejam convocados para um olhar sobre o sujeito constituído na trama do discurso, como aqui se pretende. Ao nos propormos investigar uma concepção de sujeito alicerçada nas relações *entre o real, simbólico e imaginário*, tal como proposto por Lacan e retomado pela Análise de Discurso, temos o intuito de demonstrar que uma concepção de sujeito alicerçada nestes três registros não admite “ênfases” ou “prevalências” de nenhum deles. As propriedades do nó borromeano, escolhido por Lacan para representar estas relações, mostram que sempre será necessário um terceiro elo para que os demais se mantenham unidos. Da mesma forma, as relações entre RSI se definem a partir das mediações que cada um dos termos exerce em relação aos demais.

2

Dá-se entender por que na explicitação do quadro epistemológico da análise do discurso, Pêcheux (1975) faz referência a uma *teoria não-subjetiva da subjetividade (de natureza psicanalítica)*, que atravessaria e articularia as três regiões do conhecimento (*materialismo histórico, lingüística e teoria do discurso*).

A leitura de Lacan por Pêcheux

Uma outra questão fundamental a investigar dentro desse quadro das relações entre Análise do Discurso e Psicanálise aponta para os deslocamentos que Michel Pêcheux e outros teóricos do discurso fazem nessa tríade Real/Simbólico/Imaginário. Desde seus primeiros escritos, ainda como Thomas Herbert, há referências diretas à Psicanálise, na obra de Michel Pêcheux, especialmente no modo como ele constrói o objeto discurso, dependente, como já vimos, da Linguística, como ciência da linguagem, do Materialismo Histórico, como ciência das formações sociais, e da Psicanálise, como ciência do inconsciente. Isso é explicitado ainda mais em *Análise Automática do Discurso*, em 1969, onde consta, nas últimas páginas, o seguinte: “uma teoria do discurso é postulada enquanto teoria geral da produção dos efeitos de sentido, que não será nem a substituta de uma teoria da ideologia, nem de uma teoria do inconsciente, mas poderá intervir no campo dessas teorias”.

Em *Semântica e Discurso* (1975), considerada a principal obra de Michel Pêcheux, as referências a Lacan e à sua teoria são bem frequentes, até pela insistência de Pêcheux em trabalhar uma analogia entre a *ideologia* e o *inconsciente*. O inconsciente, no sentido freudiano, e a ideologia, na acepção marxista, passam a ser revistos, respectivamente, ao modo lacaniano e althusseriano.

Já, no texto de 1978 – *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* – num corajoso exercício de autocrítica, Pêcheux corrige seu percurso e retifica, em parte, sua afirmação anterior, deixando claro que “*a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem ao assujeitamento nem à repressão*, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (Pêcheux, 1975, p.301).

A nova idéia de sujeito trazida por Lacan como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da AD e, especialmente, em Pêcheux. Assim como Althusser foi uma influência decisiva para Pêcheux (bem como para toda uma geração de intelectuais da época), o encontro com as idéias de Lacan também o é. É fundamental reiterar nesse ponto, que mesmo com todo o fascínio de Pêcheux, claramente manifesto, por alguns conceitos formulados pela psicanálise, tanto via Freud, mas sobretudo, via Lacan, ele nunca deixou de ressaltar e, mais que isso, advertir que as duas ordens – a do discurso – e a da psicanálise – não se superpõem. Diz-nos Pêcheux (op.cit. p.139):

(...) quando utilizamos aqui conceitos elaborados por J.Lacan, estamos separando-os da reinscrição idealista de sua elaboração, neles incluída pelo próprio Lacan (...) De nossa parte, diremos simplesmente que formulações como “o sujeito do inconsciente”, “o sujeito da ciência”, etc., parecem-nos participar dessa reinscrição idealista” .

Fica evidente, em ambas as passagens, que entre idas e vindas a AD (como a quer e a entende Pêcheux) não perde nunca seu eixo, como uma teoria materialista dos sentidos, que busca articular ideologia e inconsciente na constituição do sujeito, através de e sob a linguagem.

Ainda que reformule o modo de conceber a relação entre o inconsciente e a ideologia, Pêcheux seguirá firme na sua convicção de que entre tais noções há um modo de constituição mútua que as mantêm paradoxalmente interligadas, ainda que sejam distintas (esta aí o paradoxo!). E penso poder acrescentar que o caminho para essa aproximação (qual uma passagem), na visão de Pêcheux, se daria pela *linguagem*, enquanto *forma material*.

Outro ponto importante a investigar nessa relação ideologia-inconsciente é que o sujeito, ao ser constituído pela linguagem, encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante*.

Efeito de linguagem, assujeitado e desejante, eis, então, nosso objeto de investigação em toda sua complexidade e heterogeneidade, unido de modo indissolúvel na topologia do nó borromeano *à linguagem, à ideologia e ao inconsciente*. A morada do sujeito fica tomada, como se vê, pela inscrição ideológica que se marca no desejo, o qual opera por deslizamento em um plano de contigüidade e remete sempre a uma falta. Já a linguagem, por sua vez, funciona não só como base material onde essas relações se dão, mas como a própria forma de que elas se revestem. E disso resulta o sujeito, enquanto *efeito*. Mais uma evidência se encontra aqui da aproximação entre a ideologia (como lugar do assujeitamento) e o inconsciente (como lugar do desejo).

A relevância da noção de estrutura

No rastro dessa discussão das interfaces da Análise do Discurso e do lugar privilegiado do sujeito no entremeio dos diferentes campos de saber que cercam e constituem o discurso, há espaço para que se examine e revise a noção de **estrutura**. Pêcheux, ao pensar a *língua*, o *sujeito*, a *ideologia* e o próprio *discurso*, enquanto *estruturas*, procura afastar-se da concepção predominante quando do apogeu do movimento estruturalista na França. Ainda que imerso e forjado nas idéias e discussões do estruturalismo, Pêcheux procura repensar a noção-chave fora do paradigma reinante, que a tomava como fechada e organizada em torno de um centro

Assim, dá-se um descentramento da estrutura, na linha do pensamento de Derrida: a estrutura estaria presente apenas como um de seus efeitos (*efeito de estrutura*) e seu fechamento funcionaria como *efeito de uma ausência*. O que antes não cabia na ordem do sistema, dado seu caráter de totalidade, consistência e completude, passa agora a ser constitutivo de sua estrutura.

Lacan também refere o descentramento do sujeito. Ao construir o célebre aforismo de que *o inconsciente está estruturado em linguagem*, admite que a linguagem com sua estrutura preexiste à entrada nela de cada sujeito num dado momento do seu desenvolvimento mental. Dessa forma, o sujeito não está no centro de si mesmo e tampouco é a fonte do sentido; e o lugar onde está não tem centro, mas é uma *estrutura*. Ambos são determinados, condicionados por uma estrutura. Há aqui um ponto de aproximação entre o sujeito da psicanálise e o do discurso: eles são determinados e condicionados por uma *estrutura*, que tem como singularidade o não-fechamento de suas fronteiras e a não-homogeneidade de seu território. Dessa forma, *sujeito, linguagem e discurso* poderiam ser concebidos como *estruturas* às quais se têm acesso pelas *falhas*. Lacan deu um nome a essa falta constitutiva, cunhando-a como uma de suas mais importantes invenções teóricas – *o objeto a* – um objeto faltoso, perdido, que o sujeito busca reencontrar, como causa do desejo.

A “estrutura” em Lacan, contudo, não deve ser tomada no sentido lingüístico, e, sim, no sentido psicanalítico. Lacan, ele mesmo, esclarece esse ponto. *Estrutura* é sinônimo de *simbólico*, de *linguagem*, donde a redundância em sua assertiva de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”: “estruturado” e “como uma linguagem” significariam, pelo que diz Lacan, a mesma coisa. O que essa estrutura tem em comum com a concepção discursiva, que lhe atribuiu Pêcheux, é o fato de representar a inclusão do

sujeito para a cena da linguagem e ser marcada por um furo fundante, uma falta constitutiva, que vem funcionar como verdadeiro motor da estrutura.

Em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, Pêcheux (1988, p.17) assume de vez o *caráter estrutural do discurso* e rende-se também ao sistema, ao conceber o discurso como “um sistema ao qual se acessa e ao qual se desvela por suas falhas”. Esse deslocamento teórico da noção de estrutura inscreve-se como um novo paradigma no seio das ciências da linguagem, constituindo-se numa das grandes e revolucionárias contribuições de Pêcheux para os estudos da área.

Desdobramentos do *real* na Análise do Discurso

A noção de *real* revela toda sua produtividade ao ser proposta por Lacan junto às outras duas com as quais encontra-se entrelaçada: o *simbólico* e o *imaginário*. O *real* é apresentado como um corte na estrutura do sujeito, a falta originária da estrutura. É precisamente em torno dessa falta que o inconsciente se estrutura. O *real* é, portanto, o núcleo do inconsciente. Tudo começa a partir dele. Lacan tematiza o *real* de dois modos: (i) o *real* é o impossível de ser simbolizado e (ii) o *real* é o que retorna sempre ao mesmo lugar. O *simbólico* tem seu lugar, efetivamente, a partir do *real*. De acordo com Lacan, ele tem a ver com o saber em jogo na própria experiência psicanalítica, responsável pelas transformações tão profundas para o sujeito. É no *simbólico* que o sujeito do inconsciente se estrutura como linguagem. O *imaginário* é originariamente faltoso para o sujeito, é captação especular no plano consciente. A possibilidade de sua constituição se dá pelo efeito de introdução do *simbólico*.

Nas acepções de *real* com que trabalha a Análise de Discurso – *o real da língua, o real do sujeito, o real da história* – estão presentes o traço da incompletude e da não-sistematicidade. Na Análise do Discurso essa falta ganha, então, um estatuto teórico através da noção de *real*. Por essas brechas e por essas bordas, entram em cena o *equivoco*, o *sujeito do inconsciente* e a *contradição*, enfim, as materialidades do próprio discurso.

Para Lacan, para que uma coisa exista é preciso que haja um furo em algum lugar. O sujeito do inconsciente nasce nesse furo, nesse lugar vazio, *onde se ergue o obstáculo de uma impossibilidade*. O *real* escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem; não há meio de apreendê-lo a não ser pelo *simbólico*. *Real* e *furo* estão, portanto, intimamente articulados. Tanto o sujeito quanto a linguagem comportariam esse furo.

Conforme Nazio (1993, p.12), *os psicanalistas certamente se interessam pela linguagem, mas se interessam unicamente no limite em que a linguagem tropeça. Ficamos atentos ao momento em que a linguagem se equivoca e a fala derrapa*.

O inconsciente, na psicanálise, tem a estrutura de uma linguagem, mas seus efeitos manifestam-se no terreno da língua, isto é, da língua falada pela mãe, a *alíngua*. Este neologismo gráfico lacaniano, que solda o artigo e o substantivo, serve para distinguir a língua do inconsciente e a língua da lingüística.

Esta entrada em cena da língua é igualmente importante para a ótica discursiva e tem um ponto de contato com a psicanálise lacaniana. Do mesmo modo que na perspectiva psicanalítica a via de acesso ao inconsciente se dá pela língua; na AD, a via de acesso ao discurso também se dá pela língua. E essa língua é aquela capaz de falha, de deslizos, de equívocos, os quais constituem-se em elementos estruturantes incontornáveis do próprio da língua, do seu *real*.

Voltando à morada do sujeito

Ao trazer a psicanálise para o campo epistemológico da análise do discurso, em sua reflexão sobre a história das ciências e sobre a teoria das ideologias, Pêcheux se mostra um homem ligado ao seu tempo. A conceituação tradicional de um sujeito centrado no seu próprio eixo não respondia mais às inquietações da época. A idéia da determinação que atua sobre o sujeito era prevalente e incompatível com a existência de um sujeito livre, senhor de seus atos e de sua vontade. É nesse ponto que se atravessa a psicanálise, com a hipótese do inconsciente formulada por Freud.

O sujeito do discurso vai, então, colocar-se estrategicamente e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem. Como se vê, a Análise do Discurso ao construir a categoria teórica do sujeito o faz, desde o início, pautando-se por uma singularidade que a torna muito peculiar. O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade lingüística e histórica que a AD lhe atribui.

Freud, com o descobrimento do inconsciente, é o responsável pela entrada em cena de uma noção de sujeito distinta do conceito tradicional de sujeito agente, a qual subverte de modo radical o cogito cartesiano e introduz a dimensão de uma racionalidade inteiramente nova. O psicanalista Marco Antônio Coutinho Jorge, em seu livro “Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan”, já citado aqui, lembra que o próprio Freud chegou a comparar sua descoberta do inconsciente com dois outros golpes desferidos pela ciência sobre o amor-próprio da humanidade: Copérnico (a Terra não é o centro do Universo) e Darwin (o homem não está no centro da criação).

A partir de então, o sujeito passa a ser concebido como algo sempre dividido, cindido, conflitivo, impossível de se identificar de modo absoluto. A alteração no quadro teórico da psicanálise, em meados da década de 50, se deve a certos desvios que as idéias de Freud vinham ganhando. Isso porque a leitura de Freud seguia um acentuado viés cientificista, que colocava em risco a caracterização desse sujeito do inconsciente. Na verdade, o freudismo reinante encaminhava-se para uma perigosa tendência biologizante, com o risco de perder sua identidade e permanecer prisioneiro do positivismo vigente, como afirma F. Dosse (op.cit.).

É aí que surge em cena a figura do psicanalista Jacques Lacan, ao propor uma releitura de Freud, inscrita na filiação saussuriana, o que vai provocar uma salutar reação, muito além das hostes psicanalíticas. Lacan, ao apoiar-se nos princípios da lingüística saussuriana, fez da linguagem a condição do inconsciente, “renunciando à idéia freudiana do substrato biológico, herdado do darwinismo” (Roudinesco, 2000, p.137).

É preciso que os achados psicanalíticos adquiram uma resignificação no mundo das idéias, junto a outras disciplinas, para sair “do gueto teórico muitas vezes criado pela ortodoxia”, conforme palavras de Jorge. E isso, sem dúvida, a Psicanálise deve a Lacan.

Pêcheux se mostrou atento aos achados da psicanálise, fazendo aproximações teóricas entre os terrenos, mas estabelecendo também os devidos limites, preservando a especificidade do domínio discursivo. Com isso, procurou deixar claro o lugar de onde ele falava e em que condições certos conceitos poderiam ser apropriados.

PALAVRAS FINAIS

O fato de trabalhar perigosamente entre duas áreas – AD e Psicanálise – na constituição de conceitos definidores que são comuns, respectivamente, sujeito e

linguagem, não raro traz problemas de distorções e confusões de toda ordem, ao provocar aproximações entre conceitos inconciliáveis, já que produzidos sob enfoques epistemologicamente distintos. Michel Pêcheux não desconhecia esse fato, como procuramos explicitar ao examinar mais de perto a questão das interfaces. Fica, porém, a indagação se ele conseguiu, efetivamente, superar na prática os perigos antevistos na teoria.

Seguindo esse caminho de pôr em debate certas aproximações problemáticas, diríamos que não parece adequado aproximar o sujeito assujeitado althusseriano, aquele interpelado pela ideologia, do sujeito do inconsciente lacaniano, aquele identificado ao discurso do Outro. Isto porque, este grande Outro não traz carga alguma de subjetividade; ele alude a um lugar do significante e não a uma entidade. Em Lacan, o inconsciente como o discurso do Outro, está assim além da regulação do sujeito.

Na AD, o discurso é visto como atravessado pelo discurso do Outro e por outros discursos, sendo a alteridade entendida como condição constitutiva. O sujeito desse discurso, mesmo não sendo a fonte de seu dizer, tem a necessidade da ilusão de sê-lo. Volta aqui uma questão que está sempre presente e que incomoda: como conciliar a figura de um sujeito assujeitado, determinado pelas relações sociais, produto da luta de classes, com um sujeito do inconsciente, movido pelo desejo, marcado por uma falta e submetido ao discurso do Outro?

O primeiro registro que se pode fazer a respeito desse par conceitual é o de que a tensão entre a sobredeterminação e o desejo não tem como se dissipar. Há consciência de que não se é livre e de que há um inconsciente em ambos os sujeitos, mas isso se dá por diferentes implicações.

Pêcheux, em seus últimos textos, especialmente o de 1993 – “Discurso: estrutura ou acontecimento” - demonstrou não estar imune a essas questões envolvendo a interface com a psicanálise. Pelo contrário, ele se encaminhava cada vez mais a perceber no sujeito, bem como na língua, uma falha constitutiva, em busca da qual se tecia um caminho.

É esse caminho que nós, analistas de discurso brasileiros, com mais ou menos ênfase, mais ou menos resultados, seguimos buscando trilhar, apesar de todas as vicissitudes do sujeito e de seu desejo.

BIBLIOGRAFIA

- DOSSE, F. *História do Estruturalismo*. V.1: o campo do signo, 1945-1966. São Paulo:Ensaio, Campinas:Ed. da Unicamp, 1993.
- ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Col. Psicanálise passo-a-passo, 50).
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade*. Porto Alegre, Correio da APPOA, 2004.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- LACAN, Jacques. *RSI*, seminário inédito. Trad.Brasi., mimeo, s/d.
- NASIO, J.-D. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.23-35.
- ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.42: 21-40, jan.jun.2002.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e Discurso* – uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel (1988). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. brasil. Campinas: Pontes, 1993.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SILVEIRA, Paulo. *Ideologia, indivíduo, sujeito*. São Paulo, PUC, 1994. Cadernos de Subjetividade.